



**Lição de voar**  
**poemas**

Christina Ramalho

# Lição de voar

1ª. edição

Christina Ramalho

Natal, LucGraf, 2019.



**Título Original:** Lição de voar, de Christina Ramalho

© Copyright 2019 by Christina Ramalho

É permitida a reprodução desde que com indicação da referência bibliográfica.

### **CONSELHO EDITORIAL LUCGRAF VIRTUAL**

Profa. Dra. Anélia Montechiari Pietrani (UFRJ)

Prof. Dr. Fabio Mario da Silva (UNIFESSPA)

Profa. Dra. Maria Aparecida Fontes (Università degli Studi di Padova – Itália)

Prof.a Dra. Marlene de Almeida Augusto de Souza (UFS)

Prof. Dr. Raiff Magno Barbosa Pereira (Colégio Pedro II)

Ilustração e arte da capa: Christina Ramalho

Revisão da autora

### **FICHA CATALOGRÁFICA**

Catálogo da Publicação na Fonte.

Fernando Antonny Guerra Alves – Bibliotecário CRB/15-303

R165m Ramalho, Christina.

Lição de voar: poemas. / Christina Ramalho. – 1. ed. – Natal/RN:  
Lucgraf, 2019.

73 p.; eBook (pdf).

ISBN: 978-85-7134-008-4.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura – Poemas. 3. Literatura –  
Poesia. I. Título.

CDU 821.134.3(81)

CDD B869.3



*Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!*

Alberto Caeiro  
(*O guardador de rebanhos*, poema XLIII)

## ÍNDICE

*Relato um* – p. 7

POUSO (signos de terra)

Soneto – p. 9

Meu pai – p. 10

Sinfonia das sete gatas ou Sete gatas no olhar – p. 13

Poema para Jana – p. 20

Prisioneiras do tempo – p. 21

Bernardete – p. 22

Oferta – p. 23

Das pedras – p. 23

Sob controle – p. 25

Partida/Chegada – p. 26

*Relato dois* – p. 27

VOO (signos de ar)

Abismo – p. 29

Planagem – p. 30

Elegia e ode – p. 31

Moinhos corrompidos – p. 32

Plano de voo – p. 33

Descompasso – p. 34

Seu passo – p. 35

Ampulheta revirada – p. 36

Sem radar – p. 37

Fósforo, vela e vento – p. 38

*Relato três* – p. 39

MERGULHO (signos de água)

Sobre asas e nadadeiras – p. 41

O mergulhador – p. 42

Solfejo – p. 43

A concha – p. 44

Ninfa na piscina – p. 45

Serenata – p. 46

A menina do retrato ou Poema de sete espelhos – p. 47

Diques holandeses – p. 55

Apolo – p. 56

Águas – p. 58

*Relato quatro* – p. 59

MORTE (signos de fogo)

Réquiem – p. 61

O menino que eu tive – p. 62

Esfinge – p. 63

Buhardilla – p. 65

suma – p. 66

Basta – p. 67

Depois? – p. 68

Gozo – p. 69

Penúltimo poema – p. 70

Pó – p. 71

Sobre a autora – p. 73

*Relato um*

Ser Dédalo ou ser Ícaro?

Voar baixo, seguro, na medida justa que separa sol e cera, e chegar a Cumas pronto para o acolhimento do solo? Ou, destemido, ultrapassar fronteiras, largando o corpo na dupla vivência de alçar voo e queda livres?

Ter nas asas o instrumento para o alcance do solo perfeito? Ou, vestido por elas, gozar da persona de que não se foi feito?

Ser Ícaro ou ser Dédalo?

Deixar que a pele se lacere enquanto a alma se lança? Ou fazer da asa escudo até o próximo porto seguro?

Fazer do sol novo Minotauro no labirinto aéreo do sonho? Ou contornar os labirintos do impossível com a clara visão do trajeto a ser cumprido?

Plenitude ou prudência?

Segurança ou grandiloquência?

Resta esquecer a questão das asas...

Não.

Das asas não se esquece. Elas sempre voam quando o corpo adormece.

Contempla-se o solo ciente do voo e de suas ambivalências, sem se perder, contudo, o desejo de voar.

# **POUSO**

Signos de terra



*Soneto*

A terra me agarra todos os cabelos  
e me faz ser mata, floresta e canteiros;  
fera, me envolve nádegas e seios  
e me torna a forma de todos os seixos.

Suga-me a linfa, os fluxos, o plasma,  
faz-me nascedouro de todas as águas.  
Pernas longilíneas, como as tinha antes,  
desenham atalhos, trilhas e estradas.

Os meus dedos claros, cheios de ternura,  
serpenteiam heras na crosta das grutas.  
E a areia branca que desenha os mapas

traga os meus poros e compõe searas.  
Resta aos olhos lagos, contemplando o céu,  
aguardar a hora de romper o véu.

*Meu pai*

I

Meu pai plantou casas:  
sementes lançadas,  
carrinho de mão,  
suor rolando nas costas,  
e, nos lábios,  
assobio e canção.

Meu pai foi pedreiro,  
marceneiro,  
bombeiro...  
Pintou, esculpiu,  
subiu em telhados  
sem cair...

Meu pai colheu casas.  
Nasceu e morreu  
em cada uma.  
Partes de si,  
nos detalhes, nas plantas,  
hão de estar por lá.

Meu pai fez histórias  
de casas e de jardins  
e, no pulsar das horas,  
quando as casas  
iam embora,  
reinventava sementes.

E mesmo que não saiba  
do peso de cada casa  
na memória de sua filha,  
certamente saberá  
que o que se faz  
fica.

## II

Meu pai é uma casa  
com flores e passarinhos,  
um moleque  
tocando gaita,  
um beija-flor  
distráido.

Meu pai é uma horta  
adornada de plaquinhas:  
folhas distintas,  
verdes diversos,  
mas sempre os mesmos  
graciosos sabores.

Meu pai é um menino,  
um pequeno querubim.  
Meu pai é um gigante  
esculpido em bronze.  
Meu pai é um livro  
de páginas cantoras.

Meu pai, no que faz,  
tem um quê que o distingue:  
na anedota que conta,  
no terço que reza,  
na sonolência que desperta,  
porque o corpo precisa deitar.

Meu pai foi um lutador.  
E ainda luta  
todos os dias.  
Mas, nos versos que rimou,  
sempre esteve  
a alegria.

### III

Meu pai é um universo  
de planetas coloridos,  
de sóis sempre tinindo,  
de luas antigas e lindas.  
Meu pai é tudo isso,  
e não cabe no que eu digo.

Meu pai é minha casa,  
uma asa, um abrigo.  
Meu pai é mais,  
muito mais  
que tudo isso.

Meu pai é vivo.

*Sinfonia das sete gatas ou Sete gatas no olhar*

(para Isadora Pelosi)

I

A primeira é egípcia  
Rainha do Nilo  
dona dos rios  
deusa da vida  
felina  
Ísis  
de olhos verdes  
cheios de sabedoria  
citações da filosofia  
lições de mansidão  
desafiando o não  
derramada na almofada  
olhando para a alvorada  
para dormir depois  
segredos de pirâmides  
instigando passantes  
a buscarem seus mistérios  
gata de pelos etéreos  
desfile de fantasias  
histórias  
mitos  
escritos  
tudo ali reunido  
nos olhos verdes de deusa  
que nunca deixa a realeza  
mesmo brincando  
de escrava  
de outra deusa  
(também rara  
de pele clara)  
dorme enroscada nos livros  
onde visita os fios  
de que é feita a memória  
gata menina  
flor do Egito  
lânguida nos seus ritos  
luminosa em seu espírito  
tão antigo  
tão amigo  
tão felino.

## II

A segunda é japonesa  
gueixa gata  
que se ajeita  
em katakanas kanjis  
mangás animes  
sakura naruto  
livros música dança  
um pouco de tudo  
cosplay lembrando criança  
avental vestido  
fila de gente colorida  
fazendo o evento  
na avenida  
antes de entrar  
gata gueixa  
que se ajeita  
em almofadas vermelhas  
bordadas e desenhadas  
para serem perfeitas  
como a gata  
que se enfeita  
pra ser  
o outro lado  
aceitando  
a diferença  
como parte da essência  
ocidente oriente  
sem barreiras  
sem fronteiras  
yin yang  
sushi sashimi temaki  
fica aqui  
fica ali  
menina plena  
sem pena  
de ser nipo-brasileira  
por dentro.

### III

A terceira é multicolor  
pelos verdes  
rosados  
pretos  
castanhos  
rajados  
azuis  
madeixas sem queixas  
nada sutis  
garras vinho  
roxas  
vermelhas  
verdes  
corais  
longas e intensas  
gata esparramada  
no ludismo  
gata de botas  
cano alto  
salto  
tatu do signo  
guarda na perna  
tatoos imaginárias  
na nuca  
uma sinuca com regras  
roupas exóticas  
um quê de eróticas  
tentando  
provocando  
na aquarela  
de saias shorts vestidos  
chapéus bonés  
cintos gravatas  
pernas meias  
pulseiras  
metaleiras  
da gata roqueira  
punk  
sambista  
moda modo  
artista  
de ser.

## IV

A quarta é gata  
de livraria  
livro revista jornal  
nas mãos nos olhos na mente  
palavras em gotas  
contando os dias  
segundo a voz das histórias  
que cabem em sua memória  
sem fim  
mesmo sem fono  
mesmo com sono  
mesmo assim  
Harry Potter  
Senhor dos anéis  
Desventuras em série  
sagas magos magas mangás  
personagens de olhos grandes  
e sonhos imensos  
como o da gata menina  
rata de biblioteca  
reinventando histórias  
maias astecas das Américas  
gregas romanas pagãs  
letras em forma de mitos  
narrando ritos  
extravagantes  
como a menina falante  
que mia mia mia  
conto e poesia  
notícia urgente  
de gentes  
daqui dali de lá  
todos os séculos  
e séculos  
nos livros também  
todos os povos  
velhos e novos  
amém.



## V

A quinta  
é bem pequenina  
enroscada na saia da mãe  
ronronando  
bem baixinho  
dengo dengo denguinho  
amor do tamanho do mundo  
gigante universo  
amor medido em metáfora  
amor sentido em jogos de dizer  
bilhetinhos pela casa  
desenhos deixados  
como presentes  
colagens recortes montagens  
todas da menina gatinha  
peluda macia docinha doidinha  
miau...ando pela casa  
gata aristogata  
balançando sininho  
emaranhando em seu ninho  
lembranças do que passou  
heranças de uma criança  
que o tempo não maculou  
gata Tufinha  
gata Zizu  
gata Isaura  
gata Zoca  
menina que toca  
na alma da gente  
como colírio quente  
em olhos frios de chorar  
menina gata gatinha  
que pede abraço patinha  
beijo carinho  
entrega  
novelo suave  
desenrolando-se  
em amor.

## VI

A sexta é gata de cine  
gata de todos os filmes  
na tv o dvd  
no notebook  
arquivos baixando  
e o vento levando  
os olhos rebeldes  
guerra cósmica  
de muitas stars  
homens mutantes  
metamorfoses  
amores fritos e comidos  
milagres esperados  
traumas superados  
tramas desvendadas  
tentativas fracassadas  
uma história sem fim  
em seus olhos verdes  
de muitos outros olhos  
em suas palavras  
dezenas de cenas  
acenando  
sentidos plurais para a vida  
gata cinéfila  
clorofila  
purificando as mensagens  
descritas nas embalagens  
analisando a política  
raquítica  
para propor um mundo melhor  
feito de filmes  
sem crimes  
sem terror.

## VII

A sétima é gata estrela  
nascida no sétimo dia  
olhando verde  
no olho azul  
da gata mãe parida  
apaixonada  
e feliz da vida  
com o rebento felino  
rosado arredondado  
iluminando o destino  
da mãe  
da irmã  
do pai  
dos avós  
tios tias  
amigos amigas  
toda a família  
toda a gente  
com seu coração quente  
suas asas de anjo  
enfeitando a vida  
de esperança  
acalmando a rusga  
que não se cansa  
de esquecer  
que é melhor  
deixar quieto  
passar reto  
pelos caminhos em curva  
gata anjo  
gata com asas  
gata que guarda a casa  
vértice mais alto  
do triângulo retângulo  
do momento família.

Sete é número pouco  
não basta para essa gata  
infinita em seu verde  
de incríveis viagens.

*Poema para Jana*

(para Janaína Moreno)

jana,  
sempre já  
rainha  
do mundo moreno  
ia, vinha, vai  
movendo  
palavra  
joia,  
ína,  
menina.  
sua palavra,  
terra seca  
de onde brotam  
flores e frutos  
carregados de sustos,  
exprime  
o inexprimível,  
aquilo que não se sabe,  
apenas e simplesmente,  
porque um relógio  
defasado de espaço  
cisma  
em ser  
ponteiro absoluto  
em terra plural

sua palavra  
espelha  
o precário da minha.

*Prisioneiras do tempo*

(Para Helena Parente Cunha, meu girassol)

Nos feudos de outrora,  
ou no Ceará,  
no Pico em Noronha,  
em qualquer lugar,  
prisioneira triste,  
de algemas tantas,  
a mulher resiste  
em voz sicofanta.  
Sempre denegrída,  
sempre enclausurada,  
a mulher sucumbe  
afogada em mágoas.

Asas libertárias,  
por que nunca vêm?  
Por que não socorrem  
essas vozes várias?  
Asas preciosas,  
garras para o além,  
por que alhures correm  
alheias a párias?

Vejam as mulheres,  
presas, mutiladas,  
ensaiando voos  
pelas madrugadas.

Vejam as mulheres,  
habitando casas,  
como fossem portas,  
móveis ou escadas.

Vejam as mulheres,  
tão ensimesmadas,  
sem saber do espelho,  
sem saber de nada.

Asas poderosas,  
chave das reféns,  
pousem em suas celas,  
e partam com elas.

*Bernardete*

(Para minha mãe, meu ninho)

Quando  
estive  
estou  
estiver  
emaranhada nas grades  
de pensamentos gestos equívocos desatinos  
seu alimento  
maternal e divino  
estive  
está  
estará  
fazendo das grades  
um voo lindo.

*Oferta*

Em meio à tempestade,  
o ancoradouro,  
o porto.  
Que se oferece  
silente  
à necessidade do pouso.

*Das pedras*

Guardarei, das pedras, a lição do nada.  
Nelas ficarei no que nunca fui.  
Cinza espatulada em tela esconsa,  
nódoas sem ternura nelas deixarei.

Levarei, das pedras, a lição da espada.  
Nelas largarei o que não sou eu.  
Pó amarelado de menina sonsa,  
falsa amargura nelas pintarei.

Lembrarei, das pedras, a canção parada.  
Nelas morrerei o que não vivi.  
Ausente de cores e de esperança,  
minha impostura nelas bordarei.

E direi às pedras no planar do voo:  
Como sois pequenas e ensimesmadas!

Chega, pois, de pedras,  
Chega, pois, de pouso.  
Eis-me abandonada  
à lição do novo.



*Sob controle*  
(À torre)

Luzes e cores  
mutantes  
sinalizando  
procedimentos.

Gestos e toques  
constantes  
controlando  
pensamentos.

Tudo sob controle...

e o sol se derramando  
em cores e luzes  
incontroláveis

às mãos dos homens.

*Partida/Chegada*

Apronto a partida  
pensando na chegada  
malas já na sala  
passagem comprada  
uma alegria distraída  
sorrindo na cara.

Aponto na partida  
a vez da chegada  
o sonho no paço  
o amor no regaço  
uma mulher pássaro  
um homem raro.

Parto - agora -  
porque quero.  
Parto - agora -  
porque é sensato.  
Não sou mais  
a folha do outono  
arrastada pelos ventos.  
Sou, na partida, a chegada  
do melhor de todos os momentos.

*Relato dois*

Ser borboleta ou ser mariposa?

Espargir amarelos, livre de dor, ou, pelo amarelo, voar na demência?

Realizar o voo dançante, em ritmo de ondas e beijos, ou bater as asas nos vidros das janelas, acordando o homem ao lado, solitário em meio a um milhão de habitantes?

Ser mariposa ou ser borboleta?

Vestir-se de negro, enviuvado na espiral da chama, ou trajar a colorida mortalha do *carpe diem*?

Captar o grito lancinante que habita o fogo das horas ou a suave canção que as campinas enfeitadas oferecem?

Valsa ou réquiem?

Liberdade no voo atemporal ou voo libertário e derradeiro?

As asas, coloridas ou monocromáticas, são forças definitivas, que irrompem, como sinas, das costas e do pensamento.

Adeus às lagartas rastejantes.

Ambivalentes, desconhecidas, as asas são a irrevogável negação do casulo.

Ciente, e impaciente, resta entregar-se ao que virá.

**VOO**

Signos de ar

*Abismo*

Na antessala do abismo  
gesto de recusa  
medo arcaico escudo  
adiam  
a queda no escuro.

Contudo  
(é sempre assim),  
no fim que se desconhece  
algo há de instigante  
que, de repente,  
um rompante  
projeta o corpo  
no  
ar.

*Planagem*

no arrepio da pena  
passarinho ama  
o vento  
e seus inventos de arrepios

no pio que plana  
vento ama  
o passarinho  
e seus caminhos de pios

*Moinhos corrompidos*

Jamais ser como moinhos  
voando em rotas ensimesmadas,  
pás que pouco têm de asas,  
submissas que estão  
ao desenho da casa.

Se hélice, ser delirante,  
moinho voando sobre sendas,  
mergulhando sem roteiros  
sobre os abismos da calma.

Na tontura inconclusa  
do girar constante,  
ser mais do que energia,  
ser loucura estonteante.  
Ser moinho desvairado  
à procura de Quixote,  
ser a folha espargida  
que o outono ignora,  
ser, enfim, além de pás,  
mãos agudas, inconclusas  
gravando no espaço, obtusas,  
seus mergulhos itinerantes.

*Elegia e ode*

Ai de nós que caminhamos,  
tantas vezes sem pegadas,  
que desenhem as estradas,  
ou setas ali deixadas  
por quem veio antes de nós.

Os caminhos são tão árduos,  
tão lentos os nossos passos,  
que o olhar se faz disperso  
e não contempla o universo.

Ai de nós que pedalamos,  
na reta marcha das rodas,  
duo regido por cordas  
e pernas secas, cansadas  
de impulsionar as estradas.

São íngremes os caminhos,  
e há tantas curvas e espinhos,  
que o olhar se faz disperso  
e não contempla o universo.

Felizes de nós que voamos,  
pequenos bichos de asas,  
vislumbrando as próprias casas,  
as alheias, as distantes,  
os oceanos e os desertos.

São tão belas as paisagens  
contempladas à distância,  
que vivemos a errância  
sem tempo p'ra derrapagens.

O olhar é como um verso  
eternizando o universo.



*Descompasso*

Nem sempre  
a harmonia  
fez-se de linhas  
paralelas, retilíneas.  
Ao contrário,  
inesquecíveis melodias,  
da quebra do setenário,  
fazem brotar, no cenário,  
o som dissonante,  
o astro solitário,  
que deixa no ar,  
desenho imaginário,  
uma voz,  
um sorriso,  
um quê  
de descompasso,  
um voo bordado no espaço,  
convidando  
a descompassar.

Ases que somos das esquadrihas,  
percorremos as mesmas trilhas  
até o momento de  
descarrilar.

*Seu passo*

(Para Gabi Pelosi)

Seu tempo não se mede  
em relógios feitos de aço,  
porque seu passo  
é de nuvem,  
moça de sonhos  
voando nos céus.

Seu espaço não se mede  
em topógrafo escasso,  
porque seu passo  
é de cometa,  
mulher de planos  
esculpindo terras.

Por onde você vai,  
abrem-se trilhas  
na Esfera,  
e o mundo  
faz-se seu,  
comovido e entregue.

Não há, por isso,  
quem negue  
o que em você se expande.  
Mas por mais que você ande  
o novo sempre estará  
lhe esperando instigante  
em algum outro lugar.

Na mochila, por favor,  
minha filha, meu amor,  
leve esta mãe meio doida,  
leve minhas orações,  
leve também meu recado:

Estarei sempre a seu lado,  
não importa aonde for.

*Plano de voo*

Voar, sim,  
mas inflamando asas,  
torrente de luz  
em meio à névoa,  
súbita corrente  
de promessas,  
preenche de pressa,  
em meio aos azuis.

Voar, sim,  
mas perdidamente,  
corpo no espaço,  
compasso transverso,  
corpo a imergir  
no abismo do tempo,  
rútilos braços,  
espargindo reflexos.

Voar, sim,  
contudo, sem medo.  
Voar na medida  
do brinquedo,  
recolhendo do voo  
o prazer do pássaro  
e, de Deus,  
o segredo.

*Ampulheta revirada*

De repente,  
a surpresa  
com sabor de vida.  
Nova lição,  
e tudo outra vez:  
um pouco do que já foi,  
um pouco do que não sei,  
tudo o que fui e sou,  
tudo o que não serei.  
Ampulheta revirada,  
vida reinventada,  
e voar o ser  
sem contar até três.

*Sem radar*

(Para Carmem Drumond)

Hão de estar  
os corpos tontos  
os olhos descentrados  
os pulsos livres de algemas  
os pés sempre descalços  
a alma mais que desnuda  
os sentimentos ávidos.

Hão de estar  
o voo livre  
o espaço aberto aos pássaros  
o azul cheio de cores  
o infinito multiplicado  
as amпуlhetas quebradas  
as bússolas destroçadas.

Hão de estar  
sem radar  
todos os seres com asas.

*Fósforo, vela e vento*

Meio besta esse trajeto  
entre ontem, hoje e amanhã  
se fósforo, vela e vento  
estão igualmente isentos  
de memória e vaticínio,  
se na luz ou na escuridão,  
voar é sempre mistério  
e a chama,  
breve oásis,  
sem lugar para infinitos.

*Relato três*

Ser beija-flor ou ser águia?

Reter nas asas velozes o tempo preciso para o alimento ou alimentar o tempo com o voo altaneiro e voraz?

Brilhar nas retinas do sol como um catavento orgíaco?  
Ou cravar no manto azulado a flecha aguda que ignora limites?  
Delicadeza ou voragem?

Ser águia ou ser beija-flor?

Voar vislumbrando o redondo do mundo, ciente, assim, do inatingível?  
Ou voar ligeiro no espaço pequeno, sendo impalpável em si mesmo?

Conhecer as leis da rapina e mergulhar sempre que a caça convida?  
Ou jamais mergulhar, ficando preso ao beijo fugidio que nada decreta ou mutila?

Rasgos na carne ou carícia leve?

Sempre há o desejo.  
Na flor, na caça, no beijo, na fome.  
E o voo solitário, por isso, se corrompe.

O desejo é o mergulho inquieto que projeta as asas na água, na esperança vã de não haver o impacto forte (que há).

Mas o mergulho é parte do voo.  
Camicase ou acrobata, quem saberá?  
Há que se alcançar a sabedoria de ser os dois.

# MERGULHO

Signos de água



*Sobre asas e nadadeiras*

Nadar é voar um pouco.  
Asas são nadadeiras,  
braços navegantes,  
cortando o azul ondeado  
que brinca de espelho com o céu.  
O corpo, envolto em líquidos,  
recebe do sal as carícias  
e sente, no azul imenso,  
a cumplicidade do vento.

Peixe-pássaro humano  
nadava vestido de espanto,  
rompendo amarras de águas  
dentro de si entornadas,  
enquanto as águas de fora  
instigam outros mergulhos.

*O mergulhador*

Mergulhador:  
metáfora dos amores são.  
Corpo n'água,  
movimento penetrante,  
mãos em ponta,  
pés agudos,  
pernas rasgando,  
como lâminas,  
a resistência calada  
da estrada liquefeita.

Substantivo mudo,  
agregando tudo.  
Sem tempo,  
sem consenso,  
sem chão.

Amante sem contratos,  
entrega completa,  
testa quebrada  
(ou não).

*Solfejo*

Uma a uma,  
cada nota  
nomeia prazer  
e arrepio  
toda vez que entrego  
ao rio  
a missão de me levar.  
Embalada pelas águas,  
afogada e rediviva,  
cumpro o ciclo divino  
de ser gota  
sendo mar.

*A concha*

O oceano é todo ele  
  memória.  
O oceano é todo ele  
  mistério.  
O oceano é todo ele  
  tantas coisas

que os olhos não medem  
e as mãos não colhem...

E entretanto,  
  que pequeno  
  e breve

quando o amor  
  se move  
  em suas entranhas.

*Ninfa na piscina*

(Para Neide Archanjo)

Nua,  
ela brinca  
a escancarada fome  
de tuas pupilas.  
Emerge solícita,  
imerge silente,  
aparece, desaparece,  
indolente vaivém.

Azuis verdes ondulantes,  
arabescos flutuantes,  
tudo se oferece a ti,  
plasmado em tela  
líquida e fugaz.  
(Mas a ninfa sabe  
do que és capaz.)

Resguardada em bordas,  
agarrada como em cordas,  
ela é concha na piscina,  
mulher  
escondendo  
menina.

Ninfa,  
(teus olhos lhe dizem,  
navegantes de outros mares),  
seu mergulho amurado  
não esconde seu pecado.

Ela arrepia as escamas,  
serpenteia as barbatanas,  
e finge que se esconde  
na anteluz do teu olhar.

O som das águas,  
baixinho,  
lamenta o desejo de mar.

E ali, ré da piscina,  
a mulher ninfa menina

faz-se linfa dentro de ti.

*Serenata*

Como nuvens passageiras,  
carneirinhos menitotes  
e os carneiros mais fortes  
no seu vai e vem constante  
compõem arabescos no mar.

Em meio a essa harmonia,  
aguardando vozes de peixes,  
gaivota bem atenta  
logo ali mergulhará.

Eis a breve serenata,  
composta de asas e lãs,  
plasmando o gesto de busca  
que enfeita as manhãs.

Ouvindo essa melodia,  
mulher-gaivota me vou...  
Buscarei no mar a vida,  
alguns peixes e,  
quem sabe,  
amor.

*A menina do retrato ou Poema de sete espelhos*

(Para Gabi Pelosi)

I

Ela salta do primeiro espelho:  
as pernas loooooooooongas  
descem ligeiro  
bailando ba(i)lançando  
o samba da Mocidade  
o forró de Natal  
a tecno de Madri  
o rockfolkcrazy de Sampa  
ela é bamba, ela é bamba, ela é baaaaamba  
sorriso que não cabe em si  
canção que canta  
no violão sim-não plugado  
à caixa de som no chão  
(mesinha, bandeja, estante...)  
e na música sempre a postos  
tv, cd, dvd, vinyl  
headphone, fone  
walkman pra dancegirl  
em mp 3,4,5, seis  
ipod pode-não pode  
downloads loading stars  
potência de ritmos a tocar  
Ella, Elton, Roberto  
Wolfgang e a gangue  
do hitparade sem parar  
que toca  
aqui ali além  
aonde quer que vá

a menina bailarina  
a menina do Kevin  
a menina chorinho  
a menina da Lapa  
a menina do ninho que voa  
junto com o passarinho.

De volta ao espelho  
na ponta dos pés  
ela deixa no ar  
o silêncio sincopado  
e a promessa do rasgadinho.

## II

O segundo espelho  
abre as cortinas  
iluminando a menina:  
Caco de uma espectador(Isinha) só  
rindo com o indo e vindo  
do palhaço vestido  
de loucura feliz  
olhos de Audrey  
boca de Monroe  
rosto de Streep  
corpo colorido da Phoebe  
uma bee charmer  
(en)canto em fantasia  
palco passarela  
telona telinha tela  
universo de luzes  
só para ela  
plateia  
de Allen  
Scorsese  
Almodóvar  
Tarantino  
da Disney menina-menino  
do infinito  
de friends  
de straight guys  
de gentes  
entes  
seres ou não seres  
decorados  
adorados  
interpretados  
tragicômica menina  
grace graça do will  
estrela de luz  
que conduz  
a máscaras  
vestidas de dor e alegria.

De volta ao espelho  
na ponta do salto  
ela se vira e mostra  
o homenzinho dourado  
e o sorriso da vitória.



### III

Do espelho terceiro  
guardado no marcador  
irrompe a menina abc:  
espanhol  
italiano  
inglês  
francês  
holandês  
a menina que sabe javanês  
fala o idioma universal  
e português  
do poema  
deitada na relva árcade  
concreta no concreto da selva  
maldita nos poetas que virão  
seleta na antologia das horas  
inquieta no silêncio das metáforas  
declamação  
(às vezes reclamação)  
de Camões  
Castro Alves  
Bilac  
da Márcia poeta de semana  
na voz da menina  
pequenina  
que do táxi  
já lia  
o atemporal do poema  
e o bendito anátema  
da paixão  
por verso e prosa  
maldição de não entender Rosa  
e ser plena  
em Goethes  
Shakespeares  
Bocages  
Bradshaws  
Austens  
orgulho e preconceito  
na sina  
da vida  
escrita  
em Letras.

De volta ao espelho  
na ponta do lápis  
ela escreve um the end  
sem fim.

#### IV

Em flashes  
o quarto espelho  
imprime em mate  
a menina preta e branca:  
zoom no bêbado  
na lata de lixo  
no depósito de comidas extintas  
como fênix renascidas  
no cata-cata em foco  
zoom na cidade pichada  
pessoas em pé  
na calçada  
esperando a condução  
zoom na pomba  
ensimesmada  
bicando rotina no chão  
zoom no beija-flor  
asas em gozo-repouso  
na flor  
zoom no filhote morto  
símbolo da selva anunciada  
onde a vida é nada  
o nada que é tudo e se capta  
na lente gulosa da máquina  
zoom nos guarda-chuvas  
espargindo garoa para todos os lados  
zoom nos telhados  
arranhando os céus  
zoom na Casa  
que também é G  
zoom no ver a cidade  
busca angular das verdades  
revelação de mentiras  
mais amor por favor  
olho-detetive da menina  
em cuja retina  
habitam lentes gentes  
e o sentimento do mundo.

De volta o espelho  
na ponta dos dedos  
ela guarda em segredo  
o próximo flash  
a ser acessado em www.

V

O quinto espelho  
feito de gol  
mostra a face vascaína  
da mesma inusitada menina:  
a cruz de malta  
vermelho sangue  
ora sangrando  
ora tingindo  
a camisa suada  
branca e negra  
ora ganhando  
ora pedindo  
o título desejado  
conquistado ou não  
incapaz de calar  
o explode coração  
sem partidas  
sem placares  
sem limites  
estrela na terra  
iluminando o mar  
herói português  
na gema carioca  
memórias de Barbosa a Dinamite  
histórias de Mazinho, de Juninho  
contraditórias passagens  
de Edmundo, Romário  
outros e outras talvez  
um craque na emoção da vez  
um drible, uma defesa  
todas as jogadas  
ensaiadas ou não  
coração rimando com pendão  
impossível perdão a outra nação  
juízes e cartolas  
na mira

na marra  
na garra  
na promessa  
ao São Januário.

De volta ao espelho  
na ponta da chuteira  
ela agita a bandeira  
e grita um palavrão.

## VI

Craquelado  
mosaico da vida  
o sexto espelho  
anuncia  
a caleidoscópica menina  
colecionadora de signos:  
go go's de mil cores  
moedas de mil valores  
baralhos do mundo inteiro  
brincos, bonés, bottons  
fofoletes, ursos, cãezinhos  
infinitos bonequinhos  
a turma da Mônica  
a turma do Chaves  
vinte mil Barbies  
Pikachu camaleão  
e todos os Pokemon  
metáforas das máscaras  
que exige o viver  
depois os games do Mário  
a série Friends inteira  
os Normais e sua doideira  
mulheres urbanas e sexy  
cartões telefônicos  
cadernos adolescentes  
agendas de anos recentes  
agendas de anos passados  
bilhetes, cartas, cartões  
distintas línguas  
e endereços  
amigos amigas em faces e books  
e uma porção deliciosa  
de tranqueiras  
vigiadas como bandeiras  
trancadas a sete chaves

como um mapa do tesouro  
que revela o ouro  
da menina que brilha  
entre peças e partes  
de uma história  
cheia de artes  
que não cabe em armários.

De volta ao espelho  
na ponta da prateleira  
ela protege as riquezas  
e vai ampliando tesouros.

## VII

O sétimo espelho não é selo  
é seio de mãe  
apresentando a menina  
pequena leoa rainha  
no alto de uma colina:  
quatro dedos e uma vírgula  
bochechas vermelhas  
boquinha carnuda  
cachos plurais  
vestidos de negro  
adjetivos todos  
fazendo poema maior  
o sentimento do mundo  
inaugurado no ser  
que cresce dentro e fora  
que cresce a toda hora  
e faz a mãe crescer  
mãe filha  
filha mãe  
antíteses semelhanças  
paciências impaciências  
pertinências impertinências  
desesperos esperanças  
mudanças muitas mudanças  
cenas de filme de suspense  
cenas de filme de humor  
cenas da rima mais rejeitada  
amor dor dor amor  
dor na saudade do abraço  
amor na vontade do abraço  
espelho de paradoxos  
porque mãe  
mesmo partindo

é chegada  
é abraço  
é colo  
é conselho  
é espelho espelho espelho

Amor  
Amor  
Amor  
Amor  
Amor  
Amor  
Amor

De volta ao ventre  
na ponta da hora  
ela olha o espelho  
e sorri

Menina de tantas faces  
não cabe  
numa só música  
numa só personagem  
num só retrato  
num só livro  
num só time  
numa só coleção

Menina de fases tantas  
cabe, contudo, isso sim  
no coração espelho gigante  
emoldurado neste instante  
neste poema de sua mãe

*Diques holandeses*

Vozes inundam  
a Holanda  
de gestos.  
Gesta de águas  
em sílabas fantasiadas,  
diques inúteis  
na violência das horas.

Mas Holanda  
tem tulipas.  
Coloridas tulipas  
com seus capacetes  
de sonhos  
e seus escafandros  
de pedra.

E tulipas reinventam diques.  
Abstratos e épicos.  
Submersa  
Holanda conversa  
as novas canções  
dos diques holandeses.

*Apolo*

(Para o Deus Apolo)

os pés na areia  
o pensamento em você  
sol desmaiando a noite  
raios de mãos agudas  
vestindo a pele  
beijos amarelos  
e lambidas quentes  
germinando suor

nada entre o vento  
e o desejo de caminhar  
silêncio de muitas palavras  
acordes antigos  
lira, louros, serpente  
arco e flecha  
embalando as passadas  
café fresco ainda na boca  
e essa coisa muito louca

de andar andar andar andar  
os pés na areia  
o pensamento em você

minha praia  
meu céu  
meu Apolo  
meu amigo  
tudo confundido  
sol lua dia noite  
o infinito inteiro  
nas águas mornas da Atalaia  
que já foram de Ponta Negra  
estrada líquida  
enredando futuro  
passado no meio  
presente presente presente  
café fresco ainda na boca  
e essa coisa muito louca



de andar andar andar andar  
os pés na areia  
o pensamento em você  
o pensamento em você  
o pensamento em você  
que não toma nunca  
as rédeas do seu carro  
que não faz relincharem seus cavalos  
que não abandona  
esse altar de estrelas  
e onipresente  
há anos comigo  
me deixa, ainda, Apolo,  
com esse café fresco na boca  
e essa coisa muito louca

de andar andar andar andar  
os pés na areia  
o pensamento em você  
o pensamento em você  
o pensamento em você  
mergulhado em você  
você

*Águas*

Delicadas águas  
desenham ribeirinhos.

Nascem dos olhos,  
porque são lágrimas.  
Morrem nas ruas,  
porque são mágoas.

Às vezes  
(talvez muitas)  
é preciso verter  
os líquidos da dor.  
E escorrer  
das lentes do mundo  
o que se vê e sente  
mas não se muda.

Delicadas águas  
desenham ribeirinhos  
em silêncio.

*Relato quatro*

Ser pirilampo ou ser morcego?

Espalhar a diáfana luz, em pura oferta de alguma esperança?  
Ou ser a consciência mórbida que atravessa o quarto à noite,  
impedindo sono e redenção?

Piscar na névoa escura, estrelinha delicada?  
Ou ser a asa noturna que acusa o tempo da escuridão?

Ser morcego ou ser pirilampo?

Usar radar próprio para evitar os encontros?  
Ou ser radar para os outros, tornando a noite mais clara?

Permanecer na história, símbolo chinês ou não?  
Ou ser vaga testemunha, fátua como as estrelas de pó, tranquila  
na missão sem glória de lembrar a manhã?

Clareza ou escuridão?  
Permanência ou efemeridade?

Despido de permanências, embora as saiba presentes, ignora os  
radares, as luzes e as frequências. O ciclo se cumprirá, isento  
de ambiguidades, que só cabem nos retratos da grande sala de  
estar.

# **MORTE**

Signos de fogo

*Réquiem*

Funeral de Chopin.  
O Réquiem de Mozart  
esparrama vozes femininas  
na Madeleine.  
Ato de resistência  
(funeral adiado  
até a liberação das vozes).  
Ato de transgressão  
(vozes femininas  
desinterditadas na Madeleine).

Outro Réquiem  
no entanto  
nada tem de resistência  
ou de transgressão:  
vibra nos tímpanos da nação  
o canto de morte  
da Liberdade.  
Réquiem nefasto  
de um brasil perdido  
em sombras de uma ditadura  
ensaiada nos laboratórios  
das redes sociais  
(ainda que corações em agonia  
teclêm hashtags NUNCA MAIS).

Réquiem de cercas  
#####  
criando muros  
#####  
#####  
interdições  
#####  
#####  
#####  
e mortes.

*O menino que eu tive*  
(Para Arthur)

O menino  
que eu tive  
e não tive  
olhou azul  
nos olhos meus  
e o que me deu  
ainda brilha  
com o brilho  
das coisas idas  
que nunca se vão.

*Esfinge*

O silêncio  
da Esfinge  
atinge  
o silêncio  
do esquife  
onde  
o que fomos  
se recusa  
à angústia  
da dúvida  
e por isso  
sela  
com o selo do não  
a caixa  
antes mágica  
antes ávida  
de emoção.

A presença  
da Esfinge  
atinge  
a presença  
desse não.

Rompe o lacre  
abre a caixa  
desgoverna  
descompassa  
espelha  
a desgraça  
do que somos  
se estamos  
mortos  
por opção.

Estar diante  
da Esfinge  
atinge  
o encontro  
adiado  
com o chacra  
sagrado  
que se chama  
coração.

E ao vê-lo  
tão esfingicamente  
guardado  
entendemos  
que no silêncio  
em que morremos  
habita  
uma palavra  
sem dor  
que renasce  
quando a resposta  
à pergunta  
sobre quem somos  
é  
AMOR.



*Buhardilla*

luzes ideias  
livros telas  
canto descanso remanso  
tintas recortes  
fotos velas  
um pouco de tudo  
o nada  
e eu  
metida nela.

*suma*

sonho soma somos  
um mais um menos um mais um  
vai e vem e volta  
porta aberta  
    janela incerta  
        alegria remota  
            - não morta -  
            : senão  
            seria só  
            um a menos  
            sem mais  
            nada

zero

*Basta*

Ando fatigada  
de deuses,  
deusas,  
entidades,  
misticismos.  
Chego quase  
a desejar  
que a morte  
seja mesmo  
apenas pó  
e que depois dela  
nada fique  
além da mínima memória  
que persiste  
alheia às nossas vontades  
(já inúteis)  
enquanto as larvas  
se ocupam  
das carnes que fomos.

Quando o divino  
ganha tintas de ódio  
e habita as cidades  
como ferida que gangrena,  
o que passa  
a valer a pena  
é a miséria pequena  
de sermos o nada  
consciente de tudo  
e, por isso, capaz  
do gesto derradeiro  
e iconoclasta  
de dizer a todos os deuses  
que basta.

*Depois?*

Agora  
só o beijo  
estampado  
na memória,  
o corpo largado  
pulsando ainda  
no tremer largo  
daquelas esquinas...  
Olhos nublados,  
paisagem interna,  
palavra suspensa,  
surpresa contínua.

Depois?  
Há um depois?

Agora  
só o começo  
de saber  
a hora.  
Um acordar de ponteiros,  
um tique-taque                    d i s t a n t e...  
e a vontade  
do instante  
que já não há.

Não...!  
Há!  
Algo de vivo  
repousa no ar.  
Algo que beira  
o infinito,  
que é mais que bonito,  
que faz a palavra depois  
rasgar o pensamento,  
colorir o querer,  
sangrar veias antigas  
des(x)istidas de viver.

Depois?  
dói. dou. doo. dê.  
Pois...

*Gozo*

Ah, morrer mais uma vez  
e sempre e continuamente,  
fremindo perpetuamente  
como um rio sem foz,  
fogo-fênix abrasado em nós.

*Penúltimo poema*

Eis que chega a hora  
do penúltimo poema.

Em torno ao tudo, tão nada,  
ausentes da bandeja do café,  
as promessas de vida  
consomem-se;  
a sombra, a neblina  
e o espelho quebrado  
no secreto quarto  
da casa em ruínas.

Dádivas  
que se colhiam dia-a-dia  
são rachaduras no solo do peito  
antes inundado de galáxias.

Dos cabelos  
voam pássaros esqueléticos  
a entoar o canto  
que já não há.

Nele despede-se  
a mulher sema, semema.  
E não mais piedosa,  
uma Penélope destrói-se.

Pedaços de cartas rasgadas,  
retalhos de fotos recortadas  
no chão de giz.

Único exílio  
para o que sempre foi  
um adeus anunciado.

## *Pó*

O poema nasce  
de parto normal  
é vida gritando  
a dor de respirar  
fora do líquido das ideias.

Faz-se palavra  
com nome e sobrenome  
para enfrentar o mundo  
com seus imundos  
e inundações.

Berra a consciência  
de ser o que antes  
era só promessa  
feita de rimas surreais  
escorrendo livres  
de cordas vocais.

Nasce com estrofes  
e versos limitados  
abandonando a alegria  
de poder ser  
qualquer coisa  
inclusive o nada.

É poema com certidão  
mas preferia ser  
o mais pleno dos vazios  
e ficar isento  
da canção inútil  
que seu grito canta.

O poema nascido  
derrama os fonemas  
de sua existência vã  
sabendo da pouca terra  
para seu desejo  
de amanhã.

Será mais um  
papiro esquecido  
mais um rebento traído  
avisando ao tempo  
que o tempo acabou.

O poema  
quase natimorto  
agonizará  
daqui a pouco  
o verbo desprezado  
que veio à treva  
sedento de luz.

O poema morre.  
O poema é pó.



*Um tantinho sobre a autora*

Um tanto de carioquice mangueirense, vinda do berço suburbano 1964, misturado a outro tanto de nordestinidade aracajuana sergipana e azulina (Cidadã Aracajuana, 2016; Cidadã Sergipana, 2018).

Um tanto de ancestral amor pela palavra literária, pintado nos livros *Musa Carmesim* (poema épico, 1998), *Laço e Nó* (poemas, 2001), *Dança no espelho* (contos, 2005), além dos oito livros de crônicas organizados.

Um tanto absurdo de paixão pelo épico, vertido em *Vozes épicas: História e Mito segundo as mulheres* (2004), *Elas escrevem o épico* (2005), *Poemas épicos: estratégias de leitura* (2013), *A cabeça calva de Deus*, de Corsino Fortes, o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal (2015), *História da epopeia brasileira*, volumes 1 e 2 (com Silva, 2007 e 2015).

Um tanto exagerado de apego à crítica literária, materializado em *Um espelho para Narcisa: reflexos de uma voz romântica* (1999), *Fênix e harpia: faces míticas da poesia e da poética de Ivan Junqueira* (2005), *Dois ensaios sobre poesia* (2007) e uma tantinidade grande de prefácios e posfácios.

Um tanto de loucura pelos estudos acadêmicos, convertido em mestrado e doutorado em *Ciência da Literatura* (UFRJ, 1998 e 2004), pós-doutorado em *Estudos Cabo-Verdianos* (USP, 2012) e pós-doutorado em *Estudos Épicos* (Université Clermont-Auvergne, 2017).

Um tantãozão de envolvimento com o ensino, expresso em siglas como UVA (Universidade Veiga de Almeida, 1998-2006), UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006-2008) e UFS (2012-aposentadoria, se a vampiridade permitir) e na infinita teia de amigos e amigas que tudo isso gerou.

Um tanto sanguíneo de envolvimento com projetos voltados para o ensino e para as causas sociais, concretizado nos projetos *Sete faces no espelho da modernidade*, *Poema na escola I e II*, *Poesia ilustrada*, *Olha o poema na escola*, *Jovens cronistas do sertão* e alimentado nos ainda sonhos *Aracaju é poesia!* e *Jovens cronistas do MST*.

Um tanto danado de doideira por pintura (muitas aulas no ateliê Bielinski e exposições por aí afora), fotografia, fotopoesia (*miXturas* – [www.ramalhochris.com](http://www.ramalhochris.com)) e música (*Acrópole Sergipana* - <https://www.youtube.com/user/ramalhochristina>).

Um tanto tonto de tanto amor por pai (Amauri), mãe (Bernardete), filhas (Gabriela e Isadora), genro (Vitor), irmãos, sogra (Terezinha), cunhadas, sobrinhos, sobrinhas, tias, tios, primas e primos.

Um tanto ilimitado de morenice infiltrada infinitamente no sangue, proveniente da maridagem mais sensacional da galáxia (Ítalo).

